

Preconceito dos dois lados

Tatuadora há cinco anos, Larissa Azevedo, 27 anos, reconhece e comemora a diminuição do preconceito contra pessoas que têm tatuagens, mas pondera que o cenário sempre foi mais atrasado para elas. Primeiro, o estigma contra homens tatuados diminuiu. Eles deixaram de ser enxergados como marginais para serem vistos como revolucionários e modernos. Já as mulheres da mesma geração não tinham o privilégio de carregar essas características como elogios.

Com o passar das gerações e a resistência de mulheres que tiveram a ousadia de não se conformar, a tatuagem passou a ser mais aceita e bem-vista nas peles femininas. E um ponto fundamental foram as mulheres do outro lado da agulha.

Larissa tem o próprio estúdio e tanto ela quanto outras jovens tatuadoras sabem a importância de quem veio antes delas, vivendo e trabalhando em ambientes majoritariamente masculinos. Ela lembra que quando dividia estúdios com colegas homens, mais de uma vez, passou por situações constrangedoras, ouvindo comentários e brincadeiras machistas enquanto atendia.

Em alguns lugares, os colegas davam a ela tarefas como limpar e arrumar o estúdio e quase nenhum cliente era direcionado para sua mesa. “Claro que melhorou muito, mas ainda existe esse machismo no meio. Além de ser ruim para as profissionais, incomoda as



A tatuadora Larissa Azevedo e alguns dos seus desenhos: traços delicados

clientes, que podem até desistir de tatuar, em situações assim”, lamenta.

Com um estilo de traços finos, tatuagens coloridas e delicadas, Larissa desejava trabalhar em um espaço que refletisse sua arte. As paredes brancas do seu estúdio têm poucos desenhos, todos eles criados por ela. Prezando pelo atendimento humanizado e por desenhos únicos, a jovem se encontrou no nicho das tatuagens afetivas. Sendo responsável pela primeira tattoo de muitas pessoas, a maioria delas conta uma história preciosa.

Entre 100 clientes, apenas dois são homens, mas isso não a incomoda. “Acho que é muito de estilo. O fine line é mais delicado e, normalmente, mais escolhido por mulheres, mas, sem dúvidas, muitos homens ainda têm preconceito em se tatuar com mulheres”, acredita.

Atendendo mulheres de 10 a 75 anos, com uma maioria de clientes entre os 30 e 40 anos, Larissa acredita que a mudança de mentalidade, finalmente, beneficia mulheres que sempre quiseram marcar momentos importantes na pele, mas tinham medo do preconceito.



Tatuagens de Ana Maria e Helena

Entre mãe e filha

A experiência de fazer uma tatuagem juntas foi marcante. Ana Maria é fã da arte de se colorir faz tempo e já tinha feito algumas — várias — tatuagens antes, mas Helena é nova nesse mundo. “É muito especial, vou ter para sempre essa lembrança da primeira tatuagem ter sido com a minha mãe”, diz a jovem.

Poder participar do processo da primeira tatuagem da filha também tem grande significado para Ana Maria — foi mais uma etapa que elas concluíram, ou iniciaram,

juntas. “Ela reconheceu minha independência, mas quis mostrar que vai estar sempre comigo, mesmo depois da maioridade”, acrescenta Helena.

Para decidir o traço, o estilo e as cores, elas entraram em um consenso, encontrando um meio termo, que foi reproduzido pelo tatuador Davi Braz, com autorização de Pedro. Mesmo com o nervosismo natural do momento, as duas chegaram seguras e confiantes e saíram de lá com zero dores ou arrependimentos. E as próximas tattoos solo já estão sendo planejadas, mas as duas não negam uma nova colaboração.